

Pró-Missões



UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Rua Joaquim Bonifácio, M. A. — LISBOA-Norte (Portugal) • Telefone 4 2169 / Telegramas ADVENTISTA-Lisboa

Instituições financiadas
ou auxiliadas
pela União Portuguesa A. S. D.

SEMINÁRIO ADVENTISTA

Quinta de St.º António
PORTALEGRE

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

com todos os centros me-
tropolitanos de evangelização
Sede: R. Joaquim Bonifácio, M. A.
LISBOA

PUBLICADORA ATLÂNTICO, L.DA

Praça Ilha do Faial, 1-B
LISBOA-Norte

MISSÃO EM S. TOMÉ

Sede: Caixa Postal 349
S. TOMÉ

MISSÃO CABOVERDEANA

Sede: S. Filipe
ILHA DO FOGO

MISSÃO AÇOREANA

Sede: Santa Clara, 2
PONTA-DELGADA

MISSÃO MADEIRENSE

Sede: Rua João de Deus, 7
FUNCHAL

MISSÕES ANGOLANAS

Sede: Caixa Postal, 3
Nova-Lisboa ANGOLA

MISSÕES MOÇAMBICANAS

Mungulúni QUELIMANE

Bondosos Leitores

Vimos, mais uma vez, falar aos milhares de amáveis leitores sobre as necessidades do nosso Império Colonial, no que respeita ao domínio religioso, e das grandes possibilidades futuras de tão vastos e ricos campos. As missões Adventistas têm procurado ensinar, curar, cristianizar e civilizar milhares dos habitantes do nosso Império. A organização da família cristã e a prática dos altos princípios morais constituem preocupação constante dos nossos missionários portugueses que ensinam pela palavra e pelo exemplo.

Restá muito trabalho a realizar! A tarefa é ingente e demanda o dispêndio de vidas e de fundos. Os nossos confrades põem de continuo o seu dinheiro ao serviço desta causa missionária. Êste número especial da nossa revista tem por fim exclusivo divulgar a obra das missões e auxiliá-la. Tudo quanto pudermos obter da venda e colocação dêste numero será dedicado na íntegra a tão nobre trabalho.

Agradecemos a tôdas as pessoas que se dignarem adquirir um ou vários números, por intermédio das nossas instituições ou dos nossos membros que, sem lucro algum, se dedicam à colocação desta revista, de olhos fitos na obra das missões. Confiamos na nunca desmentida amabilidade portuguesa perante tôdas as iniciativas altruístas e de interesse nacional.

Pelo CONSELHO ADMINISTRATIVO
DA UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS

A. F. RAPOSO

Secretário - Tesoureiro

¿Qual será o trabalho das missões?

Os missionários que se dirigem aos países não cristãos e, em especial, aos países não civilizados, como muitas regiões da África, procuram exercer ali as actividades do divino Mestre: levar aos desalentados, aos pretos infelizes por exemplo, mudança na sua vida e mentalidade, através das doutrinas do Evangelho. Em território português, sob a protecção das autoridades, como qualquer outro cidadão honesto, o missionário procura elevar o nível moral e material do indígena para o que exerce múltiplas actividades: explicador religioso, professor da infância e dos adultos, médico e enfermeiro dos seus parauquianos, regente agrícola nas missões rurais, etc., etc. O nativo está em permanente contacto com um representante da civilização cristã, um branco, e a evolução no seu espírito, mesmo lenta, é inevitável. Em certo sentido, quando os missionários são de boa qualidade e representam bem o espírito de bondade e justiça do Mestre, servem até para temperar as revoltas mentais que a injustiça e maldade dos outros brancos possam fomentar na alma dos nativos.



Missionária Adventista trata dos olhos de criança preta

Ali, em plena floresta ou no mato, reúne um grupo de nativos numa escola onde lhes ensina a língua portuguesa, os rudimentos da intelectualidade e, ao mesmo tempo, lhes fala da obra de Jesus, procurando incutir-lhes na alma os Seus exemplos e preceitos. ¿Quem se preocuparia com aquêles seres humanos se não houvesse missões e missionários? Num próximo futuro, aquêles homens e mulheres sabem expressar-se em português, respeitam a Lei e a Autoridade, estão aptos à vida social, ao desempenho de algumas profissões úteis e tudo isso devido ao trabalho daquele missionário que foi estabelecer-se lá ao longe, a centenas de quilómetros do primeiro lugar onde se encontrem brancos civilizados.

Foi devido aos seus conselhos e tratamentos — ainda que simples e rudimentares — que esta ou aquela vida escapou à morte inexorável. Esta família nativa organizou-se cristãmente e daí grandes bênçãos sociais para os seus descendentes, graças à acção missionária. Aquela menina foi guardada da escravidão com os seus horrores porque o missionário agiu a tempo de a salvar. Aquela tribo, cujo chefe ouvia os conselhos do missionário, não pegou em armas contra a autoridade, por agravos reais ou imaginários, donde a economia de milhares de escudos e de vidas insubstituíveis.

O feiticismo, a idolatria, a poligamia, as mutilações do corpo, a dissolução, a ociosidade, os costumes

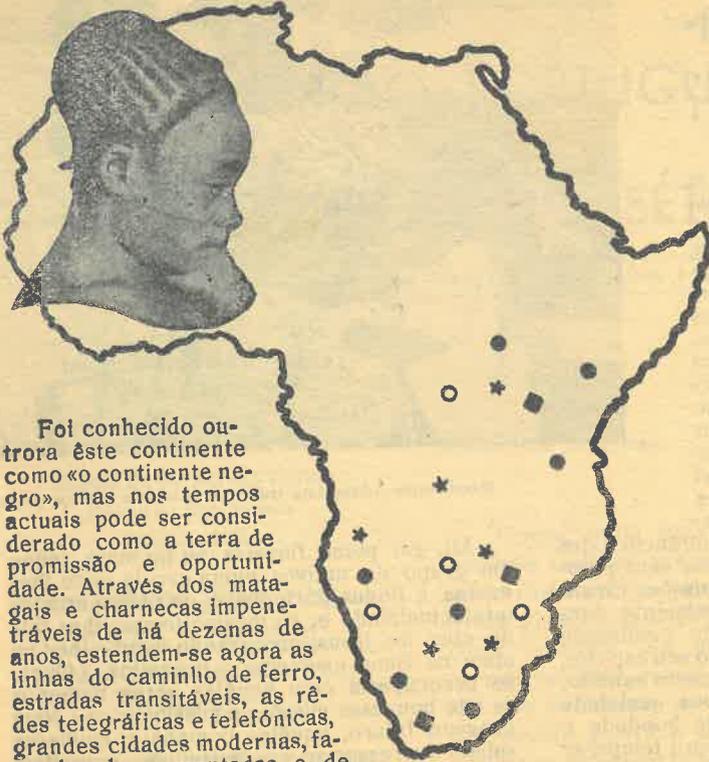
(CONCLUI NA PÁGINA 10)

O Imperador e a Imperatriz da Etiópia dão instruções à Missionária Adventista, actual mordoma do Palácio



ÁFRICA

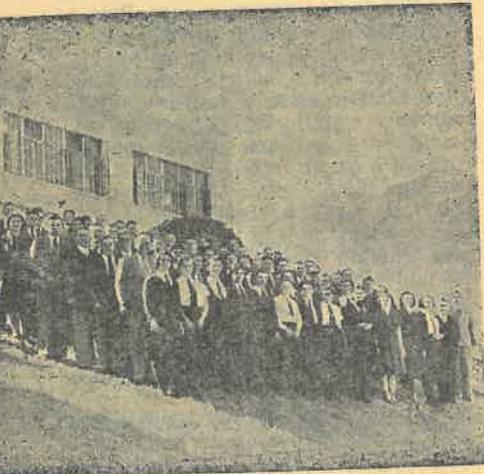
transformada



Foi conhecido outrora este continente como «o continente negro», mas nos tempos actuais pode ser considerado como a terra de promessa e oportunidade. Através dos mata-gais e charnecas impenetráveis de há dezenas de anos, estendem-se agora as linhas do caminho de ferro, estradas transitáveis, as redes telegráficas e telefónicas, grandes cidades modernas, fazendas bem montadas e de grande produção agrícola e industrial, pomares, vinhedos, sistemas de irrigação. Rebanhos de tôdas as espécies de gado doméstico bem como os produtos extraídos do solo pelo gentio fazem da África um vasto ce-

leiro. Nos fins do século passado ainda a África era um país impenetrável e mal conhecido. Agora, é a pérola de grande preço, a terra de futuro, a mira de muitas esperanças humanas.

Esta transformação operou-se graças a muitas actividades e, entre elas, será justo não esquecer que as missões desempenharam parte apreciável. Políticos, oficiais, financeiros, funcionários, admitiram de boa mente e sem favor que os missionários abrissem o caminho e iluminaram as veredas por onde outros seguiram. Se não tivesse havido pioneiros que levassem a mensagem cristã e



Estudantes no Seminário Adventista no Cabo



Três «formosas» cabeleiras de uma tribo angolana

combatassem as trevas do paganismo, com os seus feitiços, culto de demónios, costumes degradantes e devastadores, a África não seria o que ela é.

As missões adventistas colaboraram em África nessa obra cristã, é o que podemos dizer em poucas palavras. Há sessenta anos os nossos missionários, evangelistas, médicos, enfermeiros, professores de diversos graus, têm trabalhado com zelo infatigável no levantamento dos povos africanos. Quem viaje através do continente africano tem de chegar à conclusão que a obra missionária mereceu a pena. Não foi em vão que os princípios do Evangelho foram prègados às tribos selvagens, que trabalharam as escolas e os dispensários médicos.

No país independente da Abissínia, onde na própria capital, a missão adventista dirige uma casa de saúde cuja gravura se pode aqui ver, o imperador Salassié nomeou sua mordoma uma missionária adventista e, pelo menos, demonstrará tal acto o aprêço dos serviços adventistas à Etiópia. Outros funcionários governamentais, para não falar de regulos e di-



Foto de crianças e famílias na Missão Adventista de São-Tomé

rigentes nativos, têm expressado os mais vivos agradecimentos pela obra missionária estabelecida entre os seus povos. As missões cristãs são sempre centros de luz civilizadora.

Resta ainda um ingente trabalho para as missões cristãs no meio de milhares e milhões que vivem ainda nas trevas da superstição e da ignorância. Precisamos desenvolver a rede missionária actual nas colónias portuguesas.

Tôdas as sociedades missionárias, no estrangeiro, aumentam os seus esforços no progresso das missões nas colónias confiadas à sua guarda. Passam de continuo, por Portugal, levadas de missionários e missionárias a caminho de África. Precisamos também fazer a nossa parte.

O conselho da União Portuguesa dos Adventistas deseja melhorar a actividade das missões em território nacional e o leitor desta revista pode estar certo que foram recebidos com aprêço os centavos ou escudos dados por ela e que procuraremos tirar deles o máximo rendimento na elevação espiritual dos povos abrigados à sombra da bandeira verde-rubra.



Outro aspecto da mesma Missão

A OBRA ADVENTISTA

A Missão da Luz fica completamente isolada no meio do mato espesso, das selvas de Angola; dista de Vila-Luso, cidade mais próxima, 160 quilómetros, e do Posto Administrativo do Dala, 45.

Há mais de uma dúzia de anos que esta Missão se encontra em plena actividade, educando e cristianizando estas pobres e ignorantes almas que vivem nas trevas do paganismo. Embora estejamos trabalhando entre uma tribo bastante atrasada e das mais adversas, distinguindo-se pelas suas superstições, feitiçarias, práticas idolátricas e poligâmicas, etc., alguma coisa de concreto se tem conseguido, à custa de decididos esforços e muita perseverança, aliados ao insuperável auxílio de Deus.

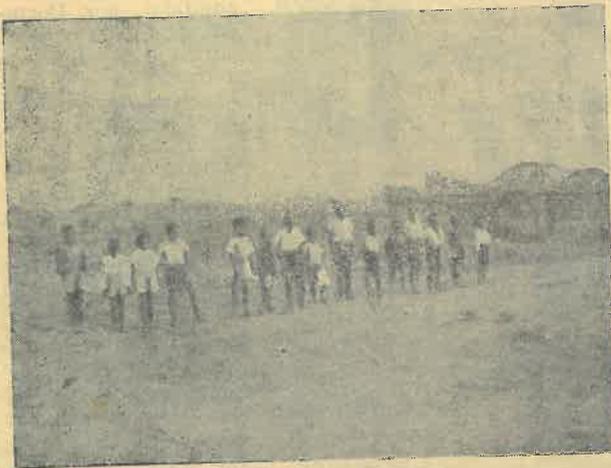
É para «proclamar o Evangelho eterno, aos que habitam sobre a Terra, e toda a nação, e tribo, e língua» *Apoc. 14:6*, que os missionários adventistas passam os mais arrojados sacrifícios, nestas terras de Angola, coadjuvando a acção colonizadora portuguesa e «*dilatando a fé e o império*».

O nosso trabalho está estabelecido numa área muitíssimo vasta, ao redor da Missão, onde temos actualmente 12 escolas, sendo a mais próxima a 15 quilómetros e a mais dis-

tante a 340, todas dirigidas por catequistas preparados no nosso Instituto do Bongo (Lépi).

Na Missão, temos presentemente 5 catequistas que após o casamento irão dirigir outras tantas escolas rurais. Entretanto eles estão empregando os seus talentos, tendo ao seu cuidado as classes rurais dentro da Missão, onde possuímos algumas dezenas de alunos. Estas classes A, B e C, são o Curso preparatório à 1.^a, 2.^a e 3.^a Classes Primárias, que eu e minha esposa leccionamos, fazendo parte delas cerca de 20 alunos, alguns dos quais seguirão este ano para o Bongo, afim de ali continuarem os seus estudos para catequistas. Não podemos exigir destes alunos o que exigiríamos de alunos brancos, no entanto os resultados têm sido bons e prometedores, resolvendo quasi com a mesma eficácia os pontos e exercícios preparados para estes últimos.

Em certa altura do ano, é necessário visitar as escolas rurais, examinando os alunos, animando e exortando os catequistas. Também é nosso costume, realizar anualmente uma Campanha Evangelística, fora da Missão, e que este ano teve lugar na nossa escola de Caxala a aproximadamente 200 quilómetros daqui. Para ali nos dirigimos, eu, o Director da Missão e nossas esposas, pois estas também têm a sua valiosa parte a desempenhar, coadjuvando-nos no nosso trabalho. Permanecemos ali 22 dias, bem como todos os catequistas da Missão que deixaram as suas escolas para durante aquêles dias desenvolverem as suas actividades naquela área. Os nossos trabalhos começavam pela manhã, com uma reunião de estudo e devoção, sendo tocados os pontos do Evangelho que durante o dia iriam ser ministrados nas diversas aldeias. Após isto cada um se dirigia à aldeia estipulada, sendo os trabalhos superintendidos, respectivamente pelo Director da Missão e por este vosso criado. À noite reuniam-nos em volta de uma grande fogueira para estudarmos a Palavra de Deus em conjunto, sendo estas reuniões feitas pelos missionários e às quais assistiram algumas centenas de pessoas. O nosso enfermeiro nativo, passava nas aldeias, ministrando os mais variados trata-



Rapazes da Missão da Luz (150 quilómetros de Vila-Luso) saúdam o missionário branco

ENTRE OS "QUIOCOS"

mentos e arrancando dentes com uma perícia quasi idêntica à de um dentista profissional... Fimda a nossa Campanha que decorreu sem nenhuma anormalidade e a qual contribuiu imenso para aproximar aquela pobre gente de Deus, Criador do Universo, regressámos à Missão.

Apesar dos recursos escassos de que podemos dispor, a nossa obra avança. O nosso dispensário embora modesto e pobre, tem sido uma bênção para estes ignorantes nativos que vivem quasi como animais. Por vezes aparecem aqui doentes em estado deplorável. Em Agosto, trouxeram ao nosso dispensário um homem em estado moribundo. Na sua aldeia, uma onça atacou um curral de porcos; em virtude do barulho produzido pelos animais, este correu a ver de que se tratava, embora fôsse noite cerrada. Um outro nativo que também ouviu o barulho, imediatamente apanhou a flecha e chegou à janela da sua palhota, donde pôde ver dois olhos a brilhar na densa escuridão; sem mais preâmbulos, disparou, e esta foi espetar-se no tórax do primeiro, fazendo uma abertura de 7 centímetros e cuja profundidade não seria menos de uns 20. Aos gritos deste, logo apareceram várias pessoas que ministraram ao ferido os mais ignorantes tratamentos e como nada lhe podia vedar o sangue, um deles resolveu ir buscar uma agulha enferrujada e uma linha sebenta, para coser a respectiva abertura. Em seguida transportaram-no para a Missão, onde imediatamente lhe foi combatida a infecção que já começava a ter lugar e se lhe prestaram os respectivos socorros. Depois de três semanas de tratamento, pôde voltar para a sua aldeia, completamente curado.

Ainda mais uma experiência:— Há dias veio um indígena a minha casa, pedir socorro para uma criança que trazia nos braços. Era horrível o espectáculo que pudemos disfrutar: a criança moribunda e com o abdome num estado desesperado, isto é, em carne viva. Vinha de uma distância de 50 quilómetros. Segundo o relato do pai, esta criança adoeceu com dores na barriga, pelo que resolveram apli-

car-lhe panos quentes; mas de tal modo o fizeram que a queimaram de uma maneira horrível. Não bastando ainda isso, resolveram tapar as queimaduras com barro (cheio das maiores porcarias), diziam êles, para evitar que a pele caísse. Imediatamente iniciámos os respectivos tratamentos, mas a criança não pôde suportar tais sofrimentos e morria dois dias depois.

Poderia contar-lhes outros casos, mas isso iria tirar-lhes muito espaço. Qual será o dia em que teremos oportunidade de possuir um médico nesta Missão? Esperamos que isso possa acontecer e oramos a Deus pela sua realidade.

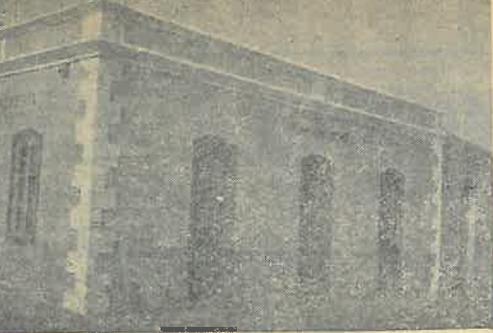
As futuras perspectivas são muito boas, mas elas só poderão ter realidade se houver meios necessários para fazer face às inúmeras despesas que teremos de encarar. Apelamos para a generosidade dos presados leitores, pois que dando o vosso auxílio moral ou monetário, estareis contribuindo com o vosso esforço para a dilatação da «fé e do império».

Missão da Luz, 1 de Novembro de 1944.

ARMANDO J. S. CASACA



Missão do Lucusse; Meninas internadas



Sala da Reunião na Missão do Fogo



Grupo de Adventistas na Missão da Brava

Actividades em

Continuaram em trabalho activo as nossas duas missões em Brava e Fogo.

Na Brava, mantivemos abertos os nossos dois centros de Nossa-Senhora-do-Monte e o de Nova-Sintra. Naquela freguesia, situada no ponto mais elevado da ilha, ergue-se a igreja onde têm lugar para o culto dezenas e até centenas de pessoas. O sítio é ventoso e em declive. Devido às chuvadas intensas que — graças a Deus! — caíram em 1945, o nosso edifício cedeu e ruíu em parte, causando elevado prejuízo de dezenas de contos. Os fundos da União cobriram já as despesas de reconstrução mas, como se compreende, outras actividades missionárias deixarão de se executar por falta daquela verba gasta.

Naquela Congregação existem caboverdea-

nos fiéis a Jesus e animosos entre as dificuldades que sempre surgem, provenientes do meio inclinado às tradições religiosas do passado e até à incredulidade. Temos ali um grupo de jovens entusiastas que fazem útil obra missionária.

A nossa Igreja da Brava deseja difundir a instrução. Para isso têm um curso primário, dirigido pela caboverdeana Prof. D. Maria José Rosa onde algumas dezenas de crianças podem receber instrução e educação cristã. Bem entendido que a nossa colónia de Cabo-Verde é território africano mas já civilizado e não precisa, portanto, de Missões à moda de Angola. Assim é que na Brava há bons médicos e não urge tanto estabelecer um dispensário médico. No entanto se tivéssemos fundos

Juventude Adventista Bravense



Cristãos no Mato-Grande





Alunos na Escola da Brava com a sua professora



Missionários no Fogo e seus amigos

CABO-VERDE

e oportunidades também poderia exercer útil actividade.

Na grandiosa ilha do Fogo, à sombra do seu pico vulcânico de milhares de metros de altitude, na sorridente vila de São-Filipe, organizámos um centro de evangelização, pequeno mas limpo e decente, como se pode ver nas gravuras juntas. Ali há já almas cristãs convictas e necessitamos apenas estender as nossas actividades missionárias a tóda a ilha. Com o tempo haverá oportunidade e necessidade de abrir a nossa escola e outras actividades missionárias cristãs.

Desejamos evangelizar a colónia de Cabo-Verde e necessitamos, portanto, de arranjar os fundos indispensáveis para abrir, em breve, uma estação missionária em cada uma das

suas dez ilhas. Também carecemos de fundos para educar, no nosso seminário, alunos caboverdeanos que, depois de preparados, se estabeleçam nos vales e montanhas de Cabo-Verde e ensinem, curem e preparem os seus concidadãos para a vida divina no Reino de Deus.

Os caboverdeanos bem merecem a simpatia cristã pelo denodo com que procuram a instrução e o progresso em geral. Podemos sempre esperar muito daqueles que se esforçam por melhorar a sua presente situação.

E terminaremos por garantir que, de facto, o Evangelho de Jesus tem, na hora actual, muito a fazer em tódas as camadas sociais.

Juventude Adventista em Nova-Sintra



Juventude Adventista



Doce parecer estranha a muitos cristão portugueses esta doutrina do Advento de Jesus, posta em evidência pelos Adventistas. No entanto é das mais antigas, sólidas e consoladoras do credo cristão.

O facto de se encontrar no Credo que, admitindo mesmo não ter sido escrito pelos Apóstolos, é dos tempos mais recuados do Cristianismo, bem indica a sua popularidade entre as massas dos crentes do 2.º século.

Antes do Credo, vamos encontrar esta esperança da Vinda Gloriosa de Jesus nos Evangelhos, nas próprias palavras do Mestre:

«Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai, há muitas moradas. Se assim não fôsse eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar e, quando eu fôr e vos tiver preparado lugar, voltarei e vos levarei comigo, para que onde estiver, estejais vós também» (S. João 14:1-3).

Estas palavras de consoladora verdade saídas dos lábios do Mestre, na noite da Santa Ceia, quando todos estavam tristes ante a certeza de uma separação dolorosa, foram repetidas no dia da ascensão. Quando os discípulos não podiam despregar os olhos da nuvem onde se encobria o Salvador, dois anjos apareceram ao lado e disseram:

«Varões galileus, ¿por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há-de vir assim como para o céu o viste ir» (Actos 1:11).

Estas palavras angélicas reconfortaram aquelas almas que, no dizer do evangelista S. Lucas, «tornaram para Jerusalém em grande júbilo» (Cap. 24:52). Tôdas as suas esperanças se concentraram, dali em diante, na fé do próximo Advento. Seria preciso evangelizar o mundo e, depois, Jesus viria estabelecer na Terra o «Reino de Deus»:

«Este Evangelho do Reino será pregado em testemunho a tôdas as gentes e, então, virá o fim» (S. Mateus 24-14).

«Creio que Jesus virá»

Por isso, as consolações Apostólicas e os gritos de encorajamento das cartas divinamente inspiradas são:

«Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com êle... Portanto, consolai-vos, uns aos outros, com estas palavras» (1 Tess. 4:13-18).

E as Sagradas Escrituras terminam:

«ORA VEM, SENHOR JESUS»

(Apoc. 22:20)

São tantas e tão claras as afirmações escriturísticas; são tão numerosas as citações dos escritos dos primeiros séculos do cristianismo que não será difícil aceitar como cristianíssima esta doutrina. ¿Quem não ponha a sua esperança e convicção na Vinda do Senhor, como poderá ser cristão?

Jesus, porém, não se limitou a indicar de forma vaga a Sua vinda. Deu alguns sinais bem compreensíveis sobre a época desse acontecimento. Leiam, os presados leitores, S. Mateus capítulo 24. O mundo encaminhar-se-á para a ruína por meio de guerras contínuas e, naturalmente, cada vez mais mortíferas. O planeta será abalado por contínuos e crescentes terremotos. Os astros serão abalados nos céus. A verdadeira religião fundada em fé esclarecida cada vez se enfraquecerá mais e cederá o passo à crença nas forças ocultas que chegarão a querer imitar uma

«E quando o Filho do homem vier em sua glória e todos os santos anjos com Ele, então se assentará no trono da Sua glória» (S. Mateus 25:31).

(Credo Apostólico)

vinda do Senhor. Queiram os bondosos leitores ler o supracitado capítulo e vejam como os sintomas dos nossos dias condizem com o quadro geral ali pintado.

¡Nem tudo são negras perspectivas! As forças do Mal serão combatidas pelos emissários do Príncipe da Paz e, na época de tantos e tão tristes acontecimentos, será evangelizado o mundo — «Este Evangelho do reino será prègado a tōda a gente». Nunca dantes se viu tanta actividade missionária no mundo. Parece que todos os homens bem intencionados se querem dar as mãos para colaborar na exaltação de Jesus e da Sua doutrina.

Também são claras as indicações sōbre o modo como Jesus voltará. Não vem occultamente; não serão apenas meia dúzia de iniciados que O contemplarão. Será uma Vinda Gloriosa e Ostensiva: «Todos os olhos o verão; até os mesmos que o trespassaram e tōdas as tribos da Terra se lamentarão sōbre ele» (Apoc. 1:7).

«Assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem» (S. Mateus 24:27).

A vinda de Jesus e o estabelecimento do Reino de Deus será o fim de tudo quanto é mau, desagradável, iníquo e o início da harmonia e a felicidade eternas. Por isso a prece ensinada por Jesus e que devíamos repetir com fervor todos os dias seria esta:

«VENHA O TEU REINO!»



A. Dias Gomes

ALGUMAS APRECIÇÕES SÔBRE AS MISSÕES ADVENTISTAS EM DIFERENTES PARTES DO MUNDO

O Governador do Estado de Amazonas

«De acôrdo com os documentos em meu poder, a Missão Adventista ao trabalho no Baixo Amazonas é digna da estima que lhe dedica a população em virtude da sua obra de beneficência entre a qual ocupa lugar em destaque os seus esforços educativos e higiênicos».

ass. GOVERNADOR

Um Inspector Escolar na Índia

«Ficamos satisfeitos ao ver métodos científicos adaptados aos pobres recursos do nosso país e postos em acção no Colégio Adventista de Spicer. Os rapazes são ensinados ao trabalho manual e a obter assim ajuda para os seus estudos. Vamos usar esta escola como modelo para escolas em outras partes do país.

«Nestes dias de Reconstrução Rural na Índia, uma visita à Instituição Adventista abrirá os olhos aos partidários do mesmo sôbre as possibilidades da manutenção do próprio estudante, com um pouco de idéia».

ass. INSPECTOR

Depõe um Juiz

«Pratica-se a caridade nas Missões Adventistas. Fazem-se tratamentos gratuitos aos pobres habitantes de lugares de acesso difficil. Este trabalho é um grande auxilio à beneficência pública do Estado».

Autoridades de Urcos, no Perú

«Estamos convencidos que os Adventistas do Sétimo Dia são verdadeiros apóstolos do amor fraternal e desejamos libertar a humanidade dos seus sofrimentos. O povo de Urcos e o da Província de Quispicanchi apelam para que estabeleçais uma clínica na sua província. Prometemos-vos tôdas as facilidades e esperamos que a nossa petição unida seja recebida com bondosa atenção do vosso coração cristão».

ass. PREFEITO
SUB-PREFEITO
JUÍZ DE PAZ
60 COMERCIANTES

Inspector Técnico das Escolas de uma grande cidade Sul-Americana

«A Missão Adventista alcançou estabelecer contacto com os Indios e com êles viver... Hoje, nos planaltos, encontram-se milhares de Indios Aymaras que escutam religiosamente o Evangelho e que, com maior fervor, assistem diariamente à escola, onde aprendem a ler, escrever e contar e, ao mesmo tempo, recebem ensino sôbre uma melhor vida. Os Indios educados nas escolas adventistas apresentam casas limpas. Não bebem bebidas alcoólicas e é impossível levá-los a bebê-las. Todos cumprem conscienciosamente os seus deveres sociais».

NOTA: Omitimos os nomes dos declarantes por não termos autorização de transcrever estas afirmações mas poderemos dá-los a qualquer leitor.

¿Qual será o trabalho das missões?

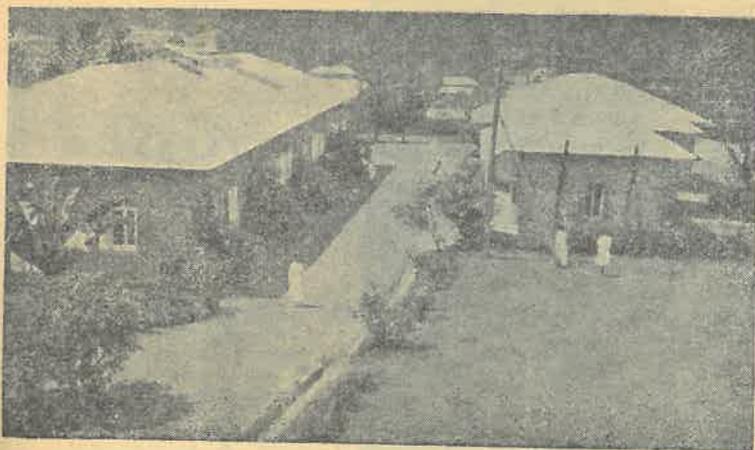
(CONCLUSÃO DA PÁGINA 1)

contrários ao cristianismo pouco a pouco cedem terreno.

Depois o missionário tem de procurar treinar ajudantes nativos à medida que o trabalho se expande. Ensinará a nativos a arte do ensino, do trabalho agrícola, da enfermagem e outros elementos da própria terra se preparam na continuação desta obra filantrópica.

São notáveis os efeitos sociais e individuais do trabalho missionário, no domínio do secular e terreno. O alvo dos missionários é, contudo, muito mais elevado: ; desejam fazer daqueles indivíduos tão atrasados, cidadãos do Reino de Deus, seres capazes de viver com os anjos!

As duas gravuras que acompanham estas palavras são tiradas em missões adventistas e representam a sua dupla função social: ensinar e curar.



Hospital Adventista em Addis-Abeba, Abissínia

Os Missionários Médicos

Os adventistas, noutros países, há muitas dezenas de anos compreenderam o valor do médico-missionário e todos os anos enviam para as suas colónias dezenas de médicos com a ciência no cérebro e o amor de Deus na alma. Deixam de exercer a sua profissão em terras onde poderiam angariar vida farta e até a riqueza e vão estabelecer-se no meio da floresta ou da charneca, em lugares onde pos- sam ser úteis aos nativos e colonos.

De forma geral, mesmo os missionários que não são médicos têm de exercer clínica, pela força das circunstâncias. Assim em cada missão, um dos instrumentos úteis é o alicate de extrair dentes. E raro o dia em que o missionário não alivia dores insuportáveis, arrancando dentes, alguns dos quais causariam inveja a muitos brancos. Ali, numa simples cadeira, banco ou mesmo uma pedra, o missionário procede à operação sem injeções nem desinfectantes. Operações que a graça de Deus evita resultar em péssimas consequências. O missionário precisa de coragem e sangue-frio! Muito melhor se poderia fazer mas são necessários fundos.

Os dispen- sários médicos

também não podem, em geral, ser comparados aos das nossas cidades civilizadas. A aparelhagem é, por vezes, menos do que reduzida. Se entrarem na sala das operações ficam admirados pela sua rudimentar organização. Seriam levados a pensar duas vezes em se deixarem operar em tais circunstâncias. Pois é ali onde dezenas de brancos e centenas de pretos vão encontrar no bisturi do mé- dico cristão a vida e a saúde. E, por vezes, quando as missões têm verba para adquirir aparelhos caros, nem sempre as pautas alfandegárias reconhecem, na frieza da lei, o trabalho a que se destinam. Seria bom que leis especiais permitissem a entrada livre para uso na Missão.

(CONCLUI NA PÁGINA 15)



Missionário Adventista em plena actividade médica

Se fôsse o Vosso Filho



Casa no Mato do Amazonas doentio onde vivem os missionários

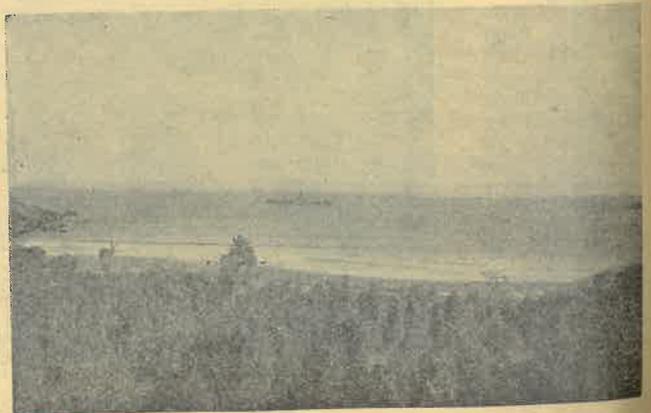
Em certa época, um jovem missionário e sua mulher partiram para o serviço colonial, numa missão cristã em ilha longínqua. Encontraram alojamento barato em certo local da cidade marítima onde desembarcaram. A casa estava longe de responder às elementares exigências da higiene mas aqueles missionários foram obrigados a permanecer nela porque os seus meios de vida eram mais do que modestos. A malária, muito espalhada na região, como outras febres malignas, faziam devastações entre os indígenas. Outras famílias, naquele mesmo bairro, viviam em condições insalubres. Como os meios eram insuficientes, faltava-lhes tudo o que nos possa parecer indispensável no trabalho missionário. Não tinham os modernos medicamentos e processos para lutar contra a doença. Ela veio e foi suportada com muita coragem e resignação.

Um dia o jovem missionário caiu à cama com febre amarela. Durante quatro dias, sua mulher e seus amigos esforçaram-se desesperadamente para lhe salvar a vida. Tudo foi inútil; após longa e dolorosa agonia, morreu. Enterraram-no à sombra de uma árvore copada ao lado da sepultura de outros missionários que já tinham morrido da mesma maneira. A sua viúva infeliz regressou sôzinha à sua pátria e outras famílias de missionários, tristes e

confrangidas, embora não desanimadas, retomaram o fardo sob o qual sucumbira aquele jovem missionário.

Este é um exemplo, entre muitos, que nos mostram como é difícil a obra missionária quando não há verba indispensável para proteger a vida dos enviados. Sempre que a verba só chegue para edificar palhotas como a que acompanha este artigo, em plena floresta, os resultados são desastrosos. Sacrificam-se vidas inútilmente. De resto a vida dos missionários em contacto com toda a espécie de doenças e sem as precauções sanitárias a que estamos habituados, está de contínuo sujeita a perder-se no meio de grandes sofrimentos.

Ninguém deveria chorar ou regatear o auxílio monetário aos missionários. Cada missionário que tomba é uma perda grave para a respectiva denominação e país.



Primeiro contacto com a África. O missionário vai desembarcar...

A Era das Missões ainda não terminou!

A idéia — e que infeliz idéia! — dominante de certos meios é a de que terminou definitivamente a era das missões. Esta idéia está errada em absoluto. A Igreja Cristã ainda não atingiu o glorioso meridiano do seu programa missionário.

É certo que o vendaval da guerra caído sobre o mundo obrigou um grande número de missionários a deixar o seu campo de trabalho; outros foram internados em campos de concentração e edifícios de grande valor foram aniquilados. Não querem tais factos dizer que o crepúsculo das Missões tenha dobrado a finados para sempre. Pelo contrário, é certo — e tal facto é extremamente animador — que a grande maioria dos missionários está firme no seu trabalho e grandiosas perspectivas exigem dêles esforços máximos.

Existem regiões onde as circunstâncias são mais favoráveis do que nunca às actividades missionárias. Noutras, esta actividade só poderá continuar através de grandes dificuldades e perigos. Sejam, contudo, favoráveis ou desfavoráveis as condições, os verdadeiros missionários marcharão sempre para a frente e Deus coroa os seus trabalhos com êxito.

Em certas missões regista-se actualmente o maior número de baptismos sobre os mais belos anos de actividade anterior à guerra. Até nos campos que se viram subitamente privados dos seus missionários, a obra continuou com os empregados nativos que puseram em acção a experiência adquirida, tomaram a direcção e vêem as suas actividades coroadas por colheita abundante de almas para a glória de Deus.

Em vez de se deixar morrer na idéia de que a época das Missões passou, a Igreja Cristã deve erguer-se e continuar com nova coragem a obra que lhe foi confiada: Levar a «Boa-Nova de Salvação em Jesus» aos numerosos milhões de seres que tateiam nas trevas.

As dificuldades provenientes desta guerra não podem constituir desculpa para que cesse a obra de Deus nas missões. Devem antes estimular-nos a maiores esforços. Enquanto os efeitos da tempestade varrem o mundo, a Igreja terá de sustentar as suas Missões pela prece, pelas dávidas e, sendo possível, com novos missionários.

Em obediência à ordem divina, a Igreja deverá levantar os olhos e abranger em mais largo panorama os campos preparados para a obra missionária. Animada de confiança e fé em Deus, os conselhos administrativos devem agora formar planos em vista da marcha a inaugurar logo após o fim da guerra. Temos de planear medidas com o fim de reconstruir plenamente as missões destruídas pelas hostilidades.

Teremos de reabrir as escolas, reconstruir e reequipar os hospitais, clínicas, habitações. Precisam pois de recolher todos os donativos das almas simpatizantes à obra missionária e, ao mesmo tempo, preparar mais missionários para as velhas missões e para os novos centros a montar.

Que ninguém recuse o seu auxílio a tão ingente trabalho, são os votos de:

A. V. Olson

DIRECTOR DA DIVISÃO-SUL-EUROPEIA
DOS ADVENTISTAS



Fotografia do Seminário Adventista Português, tirada da Serra de Portalegre.

SEMINÁRIO ADVENTISTA PORTUGUÊS

O serviço missionário dos Adventistas, com fins especiais que visam o corpo, o espírito e a família, precisa de pessoal adestrado para a sua realização.

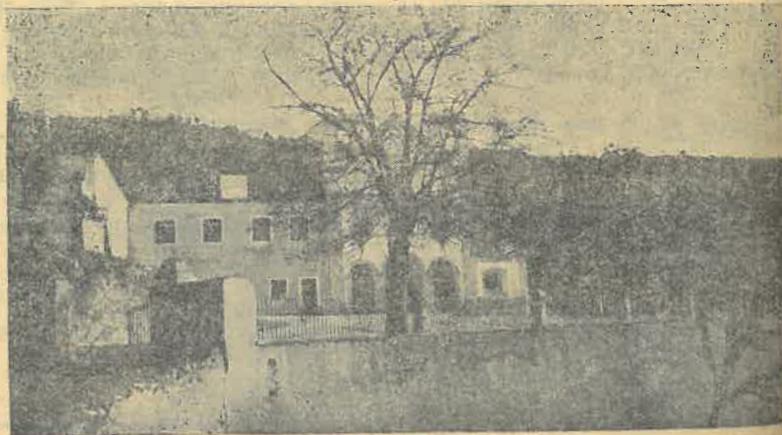
☞ A obra de Cristo compreendeu o ensino e as Suas ordens aos Seus discípulos foram: «Ide, ensinaí tódas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (S. Mateus 28:19).

A Igreja Cristã, se quiser cumprir as divinas ordens do Mestre, terá de se dedicar ao ensino. Por isso, os Adventistas procuram, na medida das possibilidades, abrir escolas nas Missões, escolas secundárias e até de ensino superior ou especial, nos países civilizados. O ministério recebe a sua instrução em Seminários.

A União Portuguesa há anos que possui uma escola missionária na sua Sede de Lisboa.

Em 1944 transferiu-a para Portalegre onde funciona agora na Quinta de Santo António, antigo convento de frades franciscanos. Lugar saudável, de vistas panorâmicas sobre a planície alentejana, protegido dos ventos frios do Norte pela serra de S. Mamede, reúne muitas condições de ambiente apropriado aos que se preparam à vida missionária no sossêgo da selva africana. Os talhões de horta e pomar proporcionam aos alunos trabalho agrícola, ao mesmo tempo útil e agradável. Mais tarde, nos grandes tratos de terreno que poderão obter do Estado, nas nossas colónias, terão oportunidade de alargar as suas actividades agrícolas, o que será uma vantagem denominacional, missionária e até nacional. Os habitantes da selva precisam aprender a agricultura.

Além do meio agrícola, o Seminário dá a



A frontaria do Seminário Adventista de Santo António, Portalegre.

Um grupo de estudantes missionários no ano lectivo 1944-45



instrução intelectual e religiosa. O curso geral compreende as variadas disciplinas de letras e ciências, dos programas vulgares. O curso especial abrange as disciplinas técnicas da doutrina e particularidades denominações.

Claro está que, sendo uma escola religiosa privativa de uma Igreja de Cristo e com finalidade exclusiva de preparação ao Ministério Missionário, só são admitidos, como internos, membros adultos das diversas congregações ou filhos de membros. Isto salvo raras excep-

ções, que possam harmonizar-se com as leis vigentes.

Desta Escola saíram já numerosos missionários portugueses que exercem o seu nobre trabalho nas várias colónias portuguesas.

Esta instituição precisa de se desenvolver de forma a admitir alunos metropolitanos e coloniais. Aguarda da União as possibilidades financeiras. Quando puder exercer ao máximo as suas actividades constituirá mais um centro de unidade no Império Português e a sua influência cristã poderá irradiar até Macau.

Os Missionários Médicos

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 11)

É preciso heroicidade e paciência divina no serviço médico-missionário. Mas é sem dúvida, um trabalho digno de admiração e ajuda.

Um exemplo:

O Hospital Adventista do Bongo ANGOLA

Quem desejasse visitar ou tratar-se neste hospital missionário, teria de seguir na linha do Lobito-Congo e parar no Lépi. Dali ao hospital são um ou dois quilómetros de estrada.

Este hospital é conhecido por muita gente em Angola como a Senhora de Fátima da colónia, tantas pessoas ali têm encontrado alívio aos seus padecimentos. Muito se tem procurado melhorar nas instalações e aparelhagem. Embora não possa ainda rivalizar com outras instituições oficiais, encontram os doentes o indispensável e um ambiente cristão e ameno muito propício ao restabelecimento. Além do médico de largos anos de prática colonial — o Dr. Parson, muito conhecido e

respeitado em toda a colónia e sem favor — o pessoal branco de enfermagem e os bons e simpáticos ajudantes de côr prestam serviços com um espírito que em nada ficam atrás da mais modelar instalação médica. Esta instituição é mantida pelos donativos dos Adventistas e seus simpatizantes. Prestam-se socorros aos colonos e aos nativos angolares. Alguns deles vêm a pé centenas de quilómetros, na ânsia de ouvir um conselho ou receber um tratamento. Depois de curados regressam às suas terras e outros doentes lhes seguem as pisadas. No centro de evangelização daquela Missão muitos ouvem, pela primeira vez da sua vida, falar de Jesus e da Sua Mensagem consoladora; abandonam o pecado e procuram o caminho da Vida Eterna!

Seria um ótimo benefício para a colónia se houvesse possibilidades de abrir outro centro hospitalar como o do Bongo. Necessitamos de fundos e também, como é compreensível, de facilidades.

Se forem a Angola e tiverem oportunidade visitem o Hospital do Bongo. Se têm pessoas de família em Angola que precisem de cuidado aconselhem-nas a fazer uma visita. Terão assim ocasião de entrar em contacto com um centro hospitalar cristão onde lhes dirão a verdade e não pretenderão auferir lucro dos conselhos e tratamentos.

A Escola de Catequistas no Bongo

(ANGOLA)

A Missão Adventista do Bongo (Lépi), Angola, é um centro de actividades com centenas de indivíduos. Além do seu hospital de que noutro lugar já falámos, existe ali uma escola tão bem montada que não ficaria mal em qualquer vila ou cidade da metrópole. Salas largas, janelas amplas, vantajados quadros pretos nas paredes, tôda a aparelhagem necessária, sem esquecer a respectiva chaminé para aquecimento. Não se admirem: no planalto de Angola faz frio em especial de manhã cedo e as aulas começam sempre de manhãzinha.

Nessa escola preparam-se os catequistas. ¿ Sabem o que é um catequista? É um missionário angolano, com a bagagem intelectual e religiosa suficiente para ensinar a religião e a instrução primária nas missões do mato ou nos postos missionários. A escola do Bongo admite rapazes e raparigas. Tem edificios higiênicos apropriados para dormitório de rapazes e, noutro lugar afastado, o dormitório das raparigas. Ensinados e guiados por preceptores e preceptoras, rapazes e raparigas vão aprendendo a vida cristã civilizada. É natural que, do convívio na Escola e na Igreja, nasça o conhecimento e dêste os sentimentos formadores do lar e da família. Assim, aquêles caais, com formação cristã, serão um vivo e irresistível exemplo do valor da Fé e da Civi-



Uma escola rudimentar na selva africana

lização, no meio de povos sentados nas trevas da morte e da superstição.

Saídos da escola do Bongo vão para as aldeias, no meio de tribos que lhes são estrangeiras, no silêncio das florestas e ali estabelecem o seu lar cristão, cultivam a primeira horta, chamam os rapazes, raparigas e até adultos e tentam organizar a escola. As vezes, no princípio, as aulas são dadas à sombra das árvores; depois vem o carramanchão coberto de palha e, por fim, a casa da escola. No Bongo, viram aplicar tratamentos simples mas eficazes; procuram repeti-los em iguais circunstâncias e o primeiro pronto-socorro fica organizado.

É nobre a tarefa já realizada pela escola do Bongo e a sua influência civilizadora e cristã mais se estenderá se não faltarem as simpatias dos bons portugueses.



Uma escola Adventista em terras pagãs. ¿ Não é interessante ver esta parada de ginástica?



«Ide por tódo o mundo . . .» disse Jesus

Centros Nacionais da Obra Missionária Adventista

Lisboa — Rua Joaquim Bonifácio, 17

Pôrto — Rua de Santo Ildefonso, 376, 2.º

Portalegre — Rua 1.º de Maio

Tomar — Rua da Fábrica, 70

Coimbra — Rua da Sofia, 181

Barreiro — Rua Vinte de Abril

Vila Real de Santo António — Rua Dr. Passos, 2

Niza — Rua Padre Ribeirinho, 95

Setúbal — R. Estêvão de Vasconcelos, 49

Seminário Adventista — Quinta de Santo António — Portalegre.

Funchal — Rua João de Deus, 7

Ponta Delgada — 1.ª Rua de St.ª Clara, 2

Angra do Heroísmo — Rua da Liberdade, 155

Brava — (Cabo-Verde) — Nossa Senhora do Monte

S. Filipe — Fogo — Cabo-Verde

S. Tomé — Caixa Postal, 349

Nova Lisboa — (Angola) — Caixa Postal, 3

Missão de Mungulúni — Correio de Munhamade, Quelimane — Moçambique.

PREÇO 5\$00

